

John F. MacArthur Jr., *Com Vergonha do Evangelho,* trad. Eros Pasquini (São Paulo: Editora Fiel, 1997) 287 pp. Original em inglês: *Ashamed of The Gospel* (Zondervan, 1996).

O autor é conhecido pastor batista de teologia reformada, com intensa atuação na Califórnia em um complexo eclesial-educacional que engloba a igreja que pastoreia (Grace Community Church), uma instituição de ensino superior e um seminário (Master's College and Seminary), além de produzir programas diários de rádio e televisão. Conferencista em alta demanda, já esteve duas vezes no Brasil e é conhecido dos leitores brasileiros, uma vez que algumas de suas obras prévias foram traduzidas e publicadas em português: *Os Carismáticos* (1978, 1981), *O Evangelho Segundo Jesus* (1990) e *Nossa Suficiência em Cristo* (1995). Escreve com clareza e lucidez, demonstrando ampla capacidade de analisar as tendências contemporâneas da igreja visível, apresentando respostas bíblicas e alertas necessários à manutenção de um evangelho sadio e eficaz.

MacArthur mostra preocupação com os rumos que a igreja vem tomando. Ele vê uma mudança nos seus objetivos primordiais: "... em vez de uma vida transformada, é a aceitação por parte do mundo e a quantidade de pessoas presentes aos cultos o que vem se tornando o alvo maior da igreja contemporânea" (p. 18). Suas observações estendem-se aos seminários. Ele avalia que existe considerável perda nas instituições de ensino "... que abandonaram sua ênfase básica de treinamento pastoral alicerçado em um currículo bíblico-teológico, trocando-o por um treinamento alicerçado em técnicas de aconselhamento e em teorias de crescimento da igreja" (p. 9).

O **prefácio** dá o tom do livro. O autor faz uma apresentação sucinta do que é *pragmatismo* e soa um alerta contra o perigo do *mundanismo*, não com a identificação tradicional providenciada por uma relação detalhada de regras humanas (do que pode, ou não, ser feito), mas definindo-o como a aceitação acrítica, pela igreja, das atrações, métodos e objetivos temporais do mundo. MacArthur não se posiciona contra inovações ou modernizações de forma, mas é veementemente "contra uma filosofia que relega a Deus e à sua Palavra um papel secundário na igreja" (p.14).

Em dez capítulos ele desenvolve o seu libelo. No **capítulo 1**, ele trata do declínio da mensagem cristã, que passa a ser regida pelas técnicas de marketing e estratégias de vendas. Essas levam a um invariável posicionamento "que requer que os assuntos negativos (a ira divina, por exemplo) sejam evitados" (p. 20). O autor recorre, com frequência, a exposições de textos bíblicos, área em que se destaca. Neste capítulo, com um tratamento hábil de trechos de 1 e 2 Timóteo, ele conclama a igreja a retornar ao conceito bíblico de sucesso: "o verdadeiro sucesso não é prosperidade, poder, proeminência, popularidade... Sucesso genuíno é fazer a vontade de Deus apesar das conseqüências" (p. 26). De acordo com MacArthur, os itens que Paulo apresenta a Timóteo como agenda de trabalho a ser enfatizada são "difícilmente algo que faz parte das aspirações dos 'experts' em crescimento de igreja!" (p. 26)

O **capítulo 2** trata da tendência contemporânea de oferecer uma "Igreja Amigável", ou seja, uma igreja que se amolda às expectativas, anseios e condições dos usuários. Trasladar para a igreja o conceito de que "O Cliente é Soberano", diz MacArthur, é a forma mais rápida de diluir a mensagem e os rumos da igreja. A exposição, nesse capítulo, é de Atos 4 e 5. Nela o autor mostra a centralização, a força e o próprio crescimento da igreja na proclamação apostólica. A igreja primitiva certamente não foi

muito "amigável" a Ananias e Safira e MacArthur conclama as igrejas a apresentarem a mensagem do julgamento divino e da graça de Deus em todo o seu poder.

O uso do entretenimento como ferramenta para o crescimento da igreja é o assunto do **capítulo 3**. MacArthur fala duramente contra estratégias que visam primordialmente o crescimento numérico. Um aspecto interessante é que a crítica advém do pastor de uma grande igreja (frequência dominical de quase dez mil pessoas – p. 80). Seus argumentos não podem ser descartados como se partissem do pastor frustrado de uma pequena igreja, como os partidários do "movimento de crescimento da igreja" com frequência classificam os seus críticos. MacArthur afirma categoricamente que "nenhum texto das Escrituras indica que os líderes eclesiais deveriam estipular alvos para o seu crescimento numérico da igreja" (p. 81). Ele cita C. Peter Wagner e Donald A. McGavran em uma nota (p. 279: "Estabelecer alvo quanto ao número de membros da igreja está de acordo com o eterno propósito de Deus..."), contestando essa posição de estabelecimento de alvos: "Atos 18.4,5,9 é a única passagem bíblica que eles citam a fim de sustentar o seu argumento; esta passagem nada afirma a respeito de estabelecer alvos numéricos ou quaisquer outros alvos."

Os limites de adaptabilidade da igreja e os pontos não-negociáveis são tratados no **capítulo 4**. Para o autor a igreja não é ensinada a absorver formas do mundo para ganhar o mundo, mas os cristãos são comissionados a ceder direitos pessoais para que possam eficazmente propagar a mensagem – aí está a adaptação correta. Em nenhum caso a verdade e a sua fiel transmissão é comprometida. Paulo não sugere "que o evangelho pudesse se tornar mais poderoso ao ser adaptado a certo contexto cultural" (p. 109). MacArthur faz exposição de diversos trechos de Atos 15 e 16 e de Gálatas 2 e 1 Coríntios 9. O autor enfatiza que "os mercadejadores modernos da igreja não podem olhar para o apóstolo Paulo em busca da aprovação para suas metodologias... Paulo jamais adaptou a igreja ao gosto da sociedade secular" (p. 115).

No **capítulo 5** MacArthur apresenta o abandono doutrinário como sendo uma falta de coragem da igreja em permanecer firme com a "loucura de Deus." O reconhecimento acadêmico da comunidade não cristã tem sido procurado por segmentos da igreja a qualquer preço, com resultados desastrosos. O autor apresenta o caso do Seminário Fuller e como ele sucumbiu às pressões externas "abandonando o seu compromisso para com a inerrância bíblica" em função da preocupação "com a respeitabilidade intelectual e acadêmica" (p. 121). Com exposições bíblicas sobre 1 Coríntios 1 e 2, MacArthur demonstra a inferioridade da sabedoria humana, quando comparada com a "loucura de Deus."

A excessiva preocupação dos pregadores com a auto-estima das pessoas, é um dos temas do **capítulo 6**. MacArthur indica que essa questão não pode justificar a mudança do conteúdo da mensagem bíblica do evangelho, sob pena de essa deixar de ser "o poder de Deus para salvação". "Ninguém pode seguir uma estratégia orientada por marketing e permanecer fiel às Escrituras" (p. 139), diz o autor. Entre os trechos utilizados como base de sua argumentação, ele apresenta exposições sobre Romanos 1 e 1 Coríntios 15. Contrariando citações de diversos autores que afirmam que hoje em dia as pessoas "precisam ouvir uma mensagem diferente daquela *que era apropriada para cem anos atrás*" (p. 137), MacArthur afirma que "o evangelho que deveria ser pregado hoje é o mesmo que Paulo dedicou sua vida a pregar" (p. 155).

O **capítulo 7** é uma exposição da pregação de Paulo no Areópago (Atos 17). MacArthur afirma que o ponto de contato utilizado por Paulo não pode ser confundido com

modificação da mensagem. Paulo expôs a pessoa de Deus e a incapacidade dos homens e apresentou a Cristo como o Salvador. Diz o autor que os resultados podem não parecer espetaculares, mas "o propósito de Deus foi cumprido e a Palavra não voltou vazia. A tríplice reação daquele dia – desprezo, curiosidade e conversão – é característica do que acontece sempre que o evangelho é fielmente pregado" (p. 174).

No **capítulo 8**, MacArthur faz uma apaixonada defesa da doutrina da soberania de Deus em todos os aspectos, principalmente na salvação. O tratamento dado pelo autor a essa questão evidencia o efeito que uma teologia correta tem na preservação da mensagem da igreja, em toda a sua pureza e poder. A apresentação das convicções do autor, em todo este capítulo, é solidamente baseada na exposição eficaz de trechos bíblicos. O **capítulo 9** trata da edificação da igreja, creditada pelo autor à soberana providência de Deus. Com relação ao próprio crescimento experimentado pela igreja que pastoreia, diz: "Preciso creditar o crescimento numérico e espiritual de nossa igreja à vontade do nosso Deus soberano. Não há técnicas modernas de marketing ou métodos modernos que possam explicá-lo. E também não estamos dispostos a depender de tais recursos. Não desejamos um crescimento fabricado por fórmulas, programas e artifícios humanos" (p. 202). Sabemos do grande talento do autor e de sua habilidade como expositor, ingredientes certamente utilizados por Deus nesse crescimento, mas são palavras sóbrias que deveriam estar nos lábios de todos que desejam o crescimento real advindo de Deus. O epílogo do capítulo 10, procura olhar para o futuro da igreja e conclama a um abandono do pragmatismo e a uma permanente fidelidade à Palavra de Deus. Diz MacArthur que "técnicas de marketing nada oferecem [à igreja], senão a promessa de popularidade e de aprovação mundana" (p. 226).

No **Apêndice I** (pp. 227-251) O autor apresenta alguns detalhes da "*Controvérsia do Declínio*," incidente ocorrido na vida e nos dias do famoso pregador inglês Charles Haddon Spurgeon, a partir de 1887, incidente histórico que é mencionado ao longo de todo o livro. Aparentemente o autor procurou tornar esse incidente um "ponto de amarração" dos capítulos. MacArthur indica que os problemas enfrentados por Spurgeon e a forma como ele reagiu à diluição teológica dos seus dias, não se constituem meramente em questões de interesse histórico para a igreja contemporânea, mas refletiram pressões heréticas que continuam a ocorrer atualmente.

O livro apresenta mais dois apêndices: no **Apêndice 2** o autor apresenta alguns pontos históricos sobre a vida de Charles Grandison Finney, reconhecido como um dos mestres do evangelismo moderno. MacArthur aponta Finney como um dos introdutores do pragmatismo no cenário evangélico, contesta sua metodologia e teologia e faz referência aos escritos de B. B. Warfield como contestador contemporâneo do *perfeccionismo*, ponto de doutrina defendido por Finney. O **Apêndice 3** é uma adaptação, em linguagem moderna, do clássico de Thomas Boston, "Um Solilóquio Sobre a Arte de Pescar Homens," contrastando a *sabedoria carnal* com a *sabedoria espiritual*.

Temos uma ressalva a fazer ao livro. Apesar de sua pertinência e das críticas corretas e aguçadas dirigidas contra tendências de absorção de filosofias destrutivas no seio da igreja, o autor não explora o suficiente aquilo que poderíamos chamar do *aspecto pragmático da lei de Deus*. É verdade que rejeitamos o pragmatismo como filosofia formuladora de prática e de doutrina. Rejeitamos o pragmatismo porque os resultados que pretendem validar essa filosofia são impossíveis de ser exaustivamente verificados, em sua veracidade, pelo homem falível e finito. Rejeitamos o pragmatismo pelo caráter temporário dos resultados que se apresentam enganosamente como permanentes. Consideramos válidas, portanto, as críticas ao pragmatismo. Todavia, por mais

apropriadas que sejam essas críticas e por mais que concordemos com elas, temos que esclarecer que não podemos ser defensores cegos de regras e definições impraticáveis e que não funcionam, constituindo-se apenas em uma carga incompreensível na vida dos fiéis e da igreja. Cremos que nós evangélicos precisamos trabalhar muito para resgatar o aspecto pragmático da Lei de Deus. Ou seja, ela funciona! Ela traz resultados! O seu cumprimento é fonte de bênçãos e a sua quebra, de maldições (Dt 11.27-28). A maior arma que temos contra o pragmatismo é sermos guardiães e proclamadores daquilo que realmente funciona — *a filosofia da fé cristã* —, e isso precisa ser mais enfatizado. Essa é a visão bíblica da vida, que, registre-se também, não tem nada a ver com a recente aparição da *teologia da prosperidade*, a qual partindo de algumas verdades bíblicas, distorce outras, bem como o objetivo de vida dos crentes.

Admiramos o apreço que o autor tem por Spurgeon (p. 15: "tenho pelo menos duas coisas em comum com Charles Spurgeon: ambos nascemos no dia 19 de junho..."), mas temos ainda outra observação a fazer. As constantes referências ao incidente da "Controvérsia do Declínio" e à vida de Spurgeon podem ser um ponto de partida para despertar o interesse dos leitores de língua inglesa (p. 17: "Se você está familiarizado com a vida de Charles Haddon Spurgeon, provavelmente já ouviu falar sobre *A Controvérsia do Declínio*..."). Não tenho tanta convicção de que isso auxilia aos nossos leitores brasileiros. O nome de Spurgeon não possui a mesma familiaridade no nosso país, como aquela experimentada nos países de língua inglesa. Na realidade, fora dos nossos círculos reformados, onde o nome e obra do grande pregador inglês têm sido adequadamente reapresentados e propagados, ele se constitui numa figura pouco conhecida no Brasil. As referências tornam-se, conseqüentemente, em vez de um *ponto de contato*, um ponto a mais a ser estudado, o que não é bem o propósito do autor. Se o leitor desejar um aprofundamento na *Controvérsia do Declínio* e no conhecimento de Spurgeon como pregador batista de teologia reformada, sugiro a leitura do excelente *The Forgotten Spurgeon*, por Ian Murray (Banner of Truth, 1969).

Um outro ponto a registrar é que as *notas textuais* seguem a infeliz prática de serem colocadas ao final do livro. Isso dificulta a consulta às referências citadas, havendo perda de eficácia na leitura, principalmente porque alguns comentários pertinentes do autor estão exatamente nessas notas, que deveriam ser de *rodapé*.

A tradução do livro traz a marca de competência e precisão do conhecido Eros Pasquini. Este declarou publicamente, em uma ocasião, a marcante impressão que o livro causou em sua vida e em seu ministério. Gostaríamos tão somente que o tradutor tivesse se sentido um pouco mais à vontade para utilizar com maior abrangência algumas adaptações, quando essas completam o sentido. Por exemplo, na p. 138 o autor cita prescrições de um livro que recomenda a leitura de revistas semanais, trazendo o nome dessas publicações. O tradutor relaciona, ao lado da revista *Time*, **Veja e Isto É**. No meu entender essa é uma adaptação corretíssima, para este tipo de trabalho, transmitindo o ponto intencionado pelo autor ao leitor brasileiro. Por outro lado, na p. 78, o tradutor prendeu-se a um literalismo desnecessário, colocando "... prestem atenção aos métodos da Avenida Madison ...", quando poderia ter adaptado para "... prestem atenção aos métodos dos publicitários ..." (ou "*dos profissionais de marketing*"). No cômputo geral, a tradução permite que a leitura flua descontraidamente e que as idéias do autor sejam transmitidas com a clareza que o assunto exige. O livro é excelente e pertinente. Não hesitamos em recomendá-lo como leitura obrigatória para todos os que se interessam pelos assuntos cruciais e contemporâneos da nossa fé cristã.

— Solano Portela

